

Aproximação a algumas questões do campo epistêmico em psicanálise

Trata-se mesmo de uma aproximação, já que o que me mobiliza para o tema é apenas fazer trabalhar algumas questões epistemológicas levantadas a partir de Freud e Lacan, que permitem um interessante vislumbre de algumas posições fundamentais de ambos quanto ao tema.

Gostaria, para contextualizar a discussão de resgatar uma referência platônica bastante importante: trata-se dos termos *doxa e episteme*, que é preciso diferenciar. Em Platão, eles são assim definidos: *Doxa* (opinião como no trabalho dos sofistas, por exemplo) e *Episteme* (que diria respeito ao conhecimento verdadeiro – conceito).

Para tentar uma breve definição de epistemologia, diria tratar-se de uma teoria da ciência, uma filosofia da ciência. Cujo objetivo seria, portanto, o de ter uma preocupação sistemática com a trama lógica dos conceitos e sua validação em ciência a partir, por exemplo, de uma lógica interna de não contradição (Em filosofia podemos nos referir a isso como constituindo um plano de pensabilidade ou de imanência). Para trabalhar essas questões de uma forma mais sistemática e organizada, estabeleci uma tabela de itens onde podemos observar a posição de cada um dos autores para podermos diferenciá-los mais criteriosamente:

Modelos epistemológicos de Freud e Lacan

| Freud | Lacan |
|---|--|
| 1- Referência de ciência: Física - Aristotélica/newtoniana | Referência de ciência: Física Relativista/Quântica |
| 2- Desenvolvimentista: Oral, anal, fálico e genital | Estruturalista: Corte sincrônico (linguística) |
| 3- Tempo cronológico: Diacronia | Tempo lógico: Tempo circular (futuro anterior) |
| 4- Modelo tridimensional: Aparelho Psíquico (interior/exterior). | Modelo topológico: Banda de Möbius (Superfície não orientada) |

5- Instâncias psíquicas:

Inc/Pré-cons/Consciente

Id/Ego/Superego

Registros:

Real/Simbólico/Imaginário

6- Formulação do pacto social:

Horda primitiva (assassinato do pai).

Formulação do pacto social:

Estrutura da linguagem (A)

7- Modelo interpretativo:

Mito-poético - representação

Modelo interpretativo:

Lógica do significante

8- Formação do analista:

História da literatura

Mitologia

História das civilizações

Filosofia da Religião

Formação do analista:

Linguística

Lógica

Topologia

Antifilosofia

9- Sobre a realidade:

Parte de uma realidade dada.

Apoio no corpo biológico

Sobre a realidade:

O significante constrói a realidade.

Recorte significativo de um corpo

Para começar gostaria de trabalhar um ponto bem interessante. Vale a pena lembrar que ambos os autores escreveram artigos muito sucintos a partir dos quais seria possível apoiar o texto que ora lhes apresento. Freud escreveu em 1918, um texto que apareceu originalmente em húngaro e do qual nunca se encontrou a versão alemã, chamado “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades”.

Nele, Freud discute a inserção do ensino da psicanálise na universidade marcando de saída a posição de que a psicanálise não precisa da universidade e que, na verdade, seria, de início, justamente a não inclusão da psicanálise na universidade o fator gerador da instituição psicanalítica como tal (IPA).

Quando, porém, apesar desta posição, considera o ensino universitário da psicanálise, assinala que este teria que contemplar algumas áreas privilegiadas do conhecimento como base de sustentação para o ensino do saber psicanalítico, seriam elas: a História da literatura, a Mitologia, a História das civilizações e a Filosofia da religião.

É importante notar que essa base de sustentação do pensamento analítico, sugerida por Freud, traz para sua clínica um modelo interpretativo com uma marca clara de uma

visão mito-poética, usada aliás na construção de vários modelos freudianos como por exemplo: o Complexo de Édipo, o modelo da “horda primitiva”, o Narcisismo e por aí afora. Freud sempre esteve preocupado com a questão das construções de narrativas que enredassem o paciente na construção da própria história. Nessa narrativa o que se aporta a ele é a possibilidade de produzir recortes simbólicos para seu destino humano de nascer, ser um ser sexuado e morrer.

Se, por um lado, esses modelos afastaram Freud do modelo médico e o levaram a estruturar a psicanálise como um campo distinto da medicina, por outro lado, o modelo médico alicerçado na biologia, nunca foi por ele, de fato, abandonado. Freud teve uma relação muito importante com a visão da medicina como extensão de um conhecimento físico-químico. Já por volta de 1882 quando era médico-assistente, Freud trabalhou diretamente com Theodor Meynert chefe do Departamento de Neuropatologia da Universidade de Viena. Trabalhou também no laboratório de fisiologia de Ernest von Brücke, que como Meynert era adepto da física de Hermann von Helmholtz para quem nenhuma outra força além da física e da química atuava no organismo.

Embora seja óbvio que a construção do pensamento psicanalítico levou Freud para longe desses limites, também é verdade que em alguns momentos importantes Freud expos sua crença de que algum dia a bioquímica daria a palavra final sobre as causas do comportamento humano. Como ilustração vejamos alguns desses momentos:

“...devemos recordar que todas nossas ideias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie” (Pag. 95 do texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” de 1914).

Ainda no mesmo texto:

“...gostaria, nessa altura, de admitir expressamente que a hipótese de instintos do ego e instintos sexuais separados (isto é, a teoria da libido) está longe de repousar, inteiramente, numa base psicológica, extraindo seu principal apoio da biologia.” Pag. 95.

E, por fim, uma citação mais do final da obra freudiana, no texto “O esboço da psicanálise” de 1938:

“Aqui, porém, estamos interessados na terapia apenas na medida em que ela funciona através de meios psicológicos e, por enquanto, não possuímos outra. O futuro pode ensinar-nos a exercer influência direta através de substâncias químicas, nas quantidades de energia e na sua distribuição no aparelho mental.” Pag. 210.

Voltemos, todavia, para a questão dos modelos freudianos. Pois gostaria de pontuar que, sem dúvida, também é muito importante reconhecer de que maneira repercutem no pensamento de Freud, os elementos da física newtoniana e, talvez, mais ainda, os da física de Aristóteles (Século IV a.C.). Vejamos para ilustrar, a definição que Aristóteles apresenta de inércia, como resultando do fato de uma força parar de atuar sobre um objeto fazendo-o retornar ao estado de repouso. Percebam que há aqui uma relação de causa e efeito estabelecida e que esta relação se institui a partir de uma relação de dualidade entre corpo e energia. Consideremos que todo o modelo de aparelho psíquico, especialmente o da primeira tópica, como o da “Interpretação de sonhos” (1900), traz uma concepção de energia e corpo, que segue o modelo de interação de uma força que age num corpo produzindo mudanças e talvez aí possamos manter a ideia de proximidade com as proposições aristotélicas.

Para acrescentarmos um elemento a mais, diria que para Freud, uma energia pulsional que é descrita como um conceito limite entre o somático e o psíquico, promove uma exigência de trabalho que, no caso do aparelho psíquico, poderia ser dividido em dois momentos: o primeiro produziria os traços indelévels no aparelho que fariam o registro do acontecimento de duas formas, como representações coisa e como representações palavra. E num segundo momento, seguindo o curso desse tracejado mental, seria possível chegar a, eventualmente, produzir uma descarga em forma de ação, qualquer que seja ela.

Outro dos conceitos advindos da física e implicados no pensamento de Freud é a ideia de um tempo cronológico linear; vejamos isso de forma um pouco mais ampliada. Alguma experiência se apresenta para o sujeito, ela será vivenciada dentro de um espectro de prazer e desprazer, isso imporá uma marca (um registro indelével, como já disse), no aparelho psíquico e, a seguir virá a associação com palavras que terá inclusive o poder de ressignificar eventos reforçando o efeito traumático ou, como acontece na análise,

permitindo sua elaboração pelo efeito simbólico da palavra. Basta que nos lembremos de um exemplo clínico qualquer para seguir esse raciocínio: Uma menina que sofre um abuso sexual perpetrado por um adulto, poderia num dado momento perceber esse acontecimento como integrado num registro reconhecido como prazeroso, na sequência, ocorre a inscrição do evento sem que haja repercussão maior e, finalmente, num quarto momento dessa lógica sequencial o evento pode se ligar a representações palavra e, inclusive, ser ressignificado como traumático. Encontramos também essa questão do tempo linear na exposição freudiana das fases da sexualidade que apontam para uma linha de progressão ou regressão, ou seja: oral, anal, fálico e genital.

Lembremos ainda que, no próprio estabelecimento do tempo das sessões a opção freudiana ainda é a de um tempo cronológico que segue uma ordenação sequencial e seja qual for a quantidade de tempo escolhido, será um tempo recortado do relógio e independente do acontecimento analítico da sessão.

Outra possibilidade de encontrar em Freud escolhas com a marca das influências de seu tempo científico se fará presente nas ideias de interioridade do acontecimento psíquico: há inevitavelmente uma concepção de um interior corporal e de um exterior. O inconsciente está dentro, sempre numa ideia de profundidade: como no modelo das capas da cebola da “Psicoterapia da histeria” de 1895, no primeiro nível da caixa da “Interpretação de sonhos” de 1900, ou ainda na interioridade do modelo ovoide do Ego e o id de 1923. São escolhas de modelos feitas por Freud, como qualquer outro modelo que se possa ter, desde que coerente com o que propõe atingir teoricamente. Não cabe, portanto, uma avaliação qualitativa do mesmo; o que se coloca aqui como questão é, mais que nada, como esses modelos repercutem em nossa clínica. Dependendo de como pensamos o acontecimento de uma sessão, a partir dos modelos teóricos aos quais aderimos, nem sempre com plena consciência disso, iremos experimentar diferentes potencialidades e limites no enfrentamento do acontecimento clínico.

Bem, tendo referido alguns elementos do que chamei de base epistemológica do pensamento freudiano, gostaria de retomar a formulação lacaniana de uma formação ideal para analistas para dialetizar a discussão. Lacan escreveu um pequeno artigo, publicado em 1975, chamado “Talvez em Vincennes...”, no qual trata de esboçar sua opinião sobre as disciplinas essenciais para a formação de um analista. Lacan nos sinaliza como se configura para ele o campo epistêmico que dá sustentação à formação do analista. E ao indicar as ciências que amparam seu trabalho, adverte: “Agora não se trata somente de

ajudar o analista com ciências propagadas à moda universitária, mas de que essas ciências encontrem em sua experiência uma oportunidade de se renovar” (Outros escritos, pg. 316 – Zahar). São as seguintes as que ele aponta: A Linguística, que ele faz questão de esclarecer ser a de Jakobson e não a de Saussure; a Lógica, que Lacan define como a ciência do Real — e acho que é importante fazer um recorte muito específico do conceito de Real que me interessa em Lacan. Este aparece no livro XVII dos seminários “L’*envers de la Psychanalyse* (1969/1970), Paris AFI. Diz ele: “o real não é um simples obstáculo contra o qual batemos a cabeça, mas um obstáculo lógico imanente ao símbolo, ou seja, aquilo que se anuncia como impossível. É daí que o real surge.” (pg. 143) É, portanto, a lógica simbólica que recorta o real no seu impossível de ser respondido. A próxima ciência apontada por Lacan é a Topologia em sua capacidade de referir a relação de espaço e posição definindo assim a essência da estrutura e sua relação com a falta; e, finalmente, a Antifilosofia, deixando claro que essa não é uma posição contra a filosofia, mas antes uma interlocução que faz destacar o que se polariza entre o discurso psicanalítico e o que Lacan chama de ‘discurso universitário’ da filosofia.

Como todos sabem, Lacan empreende vigorosos esforços para escapar do discurso mito-poético como forma de comunicar o evento clínico. Esforça-se para formalizar o discurso analítico de tal forma que os conceitos possam ser apresentados através de matemáticas, mas não é o caso de aprofundar essa discussão neste momento. Quisera sim, para manter uma certa dialética com a parte freudiana da exposição, destacar que Lacan retoma a radicalidade da descoberta freudiana e busca depurá-la para afastá-la do que ele chamava de distorções e riscos que poderiam simplesmente apagar o que a psicanálise trouxe de mais revolucionário para o pensamento e torná-la apenas mais uma expressão da psicologia acadêmica.

O sujeito lacaniano não está em nenhum campo de profundidade; não se esconde no interior de nada, a não ser do próprio discurso do analisando. O sujeito do inconsciente encontra seu modelo de estrutura na banda de Möbius, em sua faceta topológica de recortar um espaço sem interioridade ou exterioridade, uma superfície não orientada e de uma só borda. O sujeito lacaniano é um efeito do significante, está localizado na estrutura da linguagem, e esta linguagem não é invenção de nenhum sujeito particular: ela nos antecede na forma do que Lacan chamou de o discurso do Outro (o tesouro significante da cultura, o lugar do código). Daí que sujeito e inconsciente não são produtos da carne,

ao contrário, marcam, pelo efeito da lei simbólica, a carne que poderá então ser ocupada como um campo de gozo e prazer.

Se Lacan vai buscar o significante na linguística é para modificá-lo para traduzir uma nova potência em psicanálise. Ele ganha um lugar de primazia e é esvaziado de todo sentido: um significante isolado não significa nada, ele só poderá significar no encontro com outro significante. Vale lembrar uma passagem que Lacan cita de Bertrand Russel na aula de 2 de dezembro de 1971, do seminário “...Ou pire”, livro XIX na versão francesa Staferla, para de alguma forma, aproximar a noção de Russel da matemática com esse valor que apontei do significante, diz Russel: “Matemática é precisamente aquilo que se ocupa de enunciados dos quais é impossível dizer se possuem alguma verdade ou se significam alguma coisa”. Para Lacan, é o corte analítico que potencializa um sentido para um sujeito que surge sempre no tempo verbal na forma do ‘terá sido’ e nunca do é. O sujeito do inconsciente é evanescente, desaparece depois de fulgurar-se num lampejo, lampejo de uma posição desejanse que o analista busca desvelar.

Ao falar da questão do corte, entramos numa relação de tempo que não se prende na forma linear do tempo cronológico. O tempo analítico, para Lacan, é lógico. A ideia de fase subsequentes não está presente no pensamento de Lacan, e se nos reportarmos, por exemplo, ao Seminário X, “A angústia”, veremos Lacan lidando com uma ideia de tempo que poderíamos chamar de circular, e, portanto, sem cronologia determinável. Isto nos aparece quando ele nos mostra as possíveis relações do *objeto* a com as modalidades oral, anal, fálica, escópica e invocante.

Lacan está respaldado por uma outra física que não a newtoniana, uma física que nos traz, desde Einstein, uma outra relação de tempo e espaço e, principalmente, uma outra forma de compreender a relação matéria e energia. Elas já não são distintas. A famosa equação de Einstein, $E=m.c^2$, colocou entre elas um sinal de igual. Outra fonte lacaniana é a física quântica, que abala ainda mais, todo modelo aristotélico de causa e efeito e também a suposição cartesiana de relação de causa e efeito como sustentada num nexos necessário. Presente, passado e futuro não são mais uma sucessão inevitável e Lacan vai usar essa nova lógica. O futuro pode causar o passado.

Vocês, com certeza puderam perceber que não trabalhei diretamente todos os itens que dispus na tabela sobre os modelos de cada autor. Justifico-me pelo argumento de que ocupar-me de todos eles em detalhe faria desse texto bem mais do que uma aproximação,

como sugeri no título do mesmo. Ressalto também que alguns dos tópicos já são mais conhecidos e suas diferenças mais estabelecidas, por isso, fiz opção por aqueles aspectos que são mais exigentes quanto à ultrapassagem do que Bachelard chamou de *obstáculo epistemológico* em seu livro “A formação do espírito científico”:

“Um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado. Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, como o tempo entrar a pesquisa. Bergson (num livro chamado: “O pensamento e o movimento”), diz com justeza: ‘Nosso espírito tem a tendência irresistível de considerar como mais clara a ideia que costuma utilizar com mais frequência’. A ideia ganha assim uma clareza intrínseca abusiva. Com o uso, as ideias se valorizam indevidamente”. Pg. 19.

E logo na sequência nos diz:

“Chega o momento em que o espírito prefere o que confirma seu saber àquilo que o contradiz, em que gosta mais da resposta do que das perguntas. O instinto conservativo passa então a dominar, e cessa o crescimento espiritual.” Pg.19.

Eis o que chamei de aproximação, na intenção de criar a possibilidade de refletir sobre as questões levantadas. Penso que o fundamental para qualquer analista que queira ser levado a sério, seja a contínua reflexão sobre sua práxis, jamais se permitindo ficar diante de um texto como quem lê a enunciação da palavra divina. Qualquer autor merece e precisa ser questionado em suas ideias e na coerência proposta por elas para que estas não se petrifiquem num inútil dizer vazio, seja Freud, Lacan ou qualquer outro analista.

Cito uma vez mais Bachelard para desfrutar de sua lucidez:

“De modo visível, pode-se reconhecer que a ideia científica muito usual fica carregada de um concreto psicológico pesado demais, que ela reúne inúmeras analogias, imagens, metáforas, e perde aos poucos seu vetor de abstração, sua afiada ponta abstrata.” pg.19.

É quase inevitável que me desculpe pela ligeireza da apresentação e o não aprofundamento de algumas questões importantes, mas, se tornei alguém um pouco mais curioso sobre esse tema e mais atento a importância dele, já terá valido a pena ter escrito esse pequeno apanhado de ideias.